

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

ASSIGNATURA

ANNO VIII

Em Aveiro: 50 números, 1\$000 réis; 25 números, 500 réis.
Fóra de Aveiro: 50 números, 1\$125 réis; 25 números,
570 réis. Brazil (moeda forte) e Africa Oriental, 50 nú-
meros, 2\$000 réis.—Pagamento adiantado.

Publica-se aos domingos

PUBLICAÇÕES

Annuncios, cada linha, 15 réis; no corpo do jornal, cada
linha, 20 réis; annuncios permanentes, preços convencio-
naes. Numero avulso, 20 réis, ou 100 réis no Brazil.—
Redacção e administração, rua da Alfandega, n.º 7.

N.º 380

Aveiro

Dentro de poucas horas terá a cidade Intelra occasião de lavar um protesto eloquente contra todas as patifarias que se tem commettido. E' lautil recordar ao povo outra vez o seu dever e repetir-lhe o que se passa. O povo sabe o que vac fazer, o povo sabe de que se trata e cumprirá honradamente o nobre fim que os Inteladores do comicio tem em vista.

Esta questão não é só uma questão de liberdade, e isso já de si seria muito. Mas é também uma questão de decoro, é também uma questão de honra.

Pelo lado da liberdade, é espantosa a somma d'injustiça, d'iniquidade, d'escandalo affrontoso e ultrajante que ella representa.

O povo leu o ultimo numero do «Povo de Aveiro». Estudou a fundo o negocio de Joaquim Chia, o surdo-mudo de Ovar. E, então, necessariamente pasmou do rebalxamento a que chegaram entre os poderes constituidos, a vergonha, a moralidade e a justiça. O povo viu que cada linha d'aquelle libello é uma prova esmagadora e fulminante contra o firminismo pelintra e contra todos que o protegem e defendem. Quando se desceu até alli, não ha que esperar dos tribunaes, nem da magistratura, nem da lei. E' tudo uma mentira e uma trapaca ignobil.

Depois do attentado commettido na pessoa de Joaquim Chia, e da impunidade de que o revestiram, a liberdade individual morreu entre nós. Para que resuscite, para que a lei volte a ser acatada, para que cada um de nós não seja amanhã victima da ferocidade d'um firmão e da cumplicidade dos juizes, é indispensavel erguermos energicamente n'um protesto vigoroso, que tenha echo em todo o paiz.

O povo aveirense está reduzido a isto: não tem liberdade de voto, não tem liberdade individual, não tem regulamentos, não tem lei. Arrancam-lhe os filhos para soldados, á mercê do primeiro faccinora que os empurra para a tropa como animaes de carga, para livrar os filhos dos galopins assalariados e dos faquistas da vil quadrilha, aos quaes pela justiça e pela lei estabelecida pertencia enervar uma farda. Se protesta, recbe em paga um processo «sollicito», ou as espadefradas de uma policia brutal. Se procura defender-se ou desaggravar-se, vae ter com os ossos á cadeia, como succedeu a Joaquim Chia, o surdo-mudo de Ovar. Se resiste, quando infamemente lhe roubam as eleições e os votos, lá tem da mesma forma

o processo sollicito, ou as espadefradas no lombo.

Eis a liberdade de que gosam os aveirenses. Eis a situação a que nos arrastou Manuel Firmino d'Almeida Maia e o bandoleirismo que o segue. Eis as garantias que o sr. ministro do reino nos concede.

Isto por um lado. Pelo lado da honra e do decoro publico, não pode ser mais vergonhoso, do que é, o que se passa.

Está provado que Manuel Firmino d'Almeida Maia praticou actos indignos, d'aquelles que mancham a vida d'um homem para sempre. Prova-mo-lo nos com documentos. Além d'isso já antes José Luciano de Castro o accusára com muita justiça de vender o seu jornal a quantos bandidos lh'o queriam comprar. Entretanto, José Luciano de Castro nomeou e conserva este homem governador civil substituto do districto de Aveiro. Um homem que, por seu turno, lançou em rosto do presidente do conselho de ministros accusações degradantes para o caracter e para o brio de quem não esteja abaixo, n'uma coisa e outra, dos mais immundos e asquerosos locarcjos.

Cidadãos: Isto é uma vergonha, uma grande vergonha. Mas que nos compromette mais a nós do que a elles. Porque elles não tem vergonha e nós temo-la.

E' necessario purificar esta atmospha politica que nos cerca. Dar ao paiz um outro grande exemplo de altivez, independencia e brio.

Cidadãos: Vae d'aqui a dois dias realisar-se uma grande festa entre nos. A festa gloriosa da nossa boa terra, a festa de José Estevão.

E' preciso que n'esse grande dia não tenhamos de que corar. E' preciso que Aveiro se ostente n'esse dia de rosto lavado e consciencia limpa. E' preciso que sejamos coherentes honrando um grande nome com bons exemplos de liberdade, honradez e justiça, e enquanto o firminismo dominar a nossa terra nos estâmos deshonrados. E' deshonrados, tristeza é confessa-lo, sem um protesto, se outra coisa não for possível conseguir, sem um protesto viril, energico, decidido, valente.

Cidadãos: Sejamos dignos. Sejamos honrados.

Aos comicios pela Liberdade.

Aos comicios pela Justiça.

Aos comicios pela honra d'esta terra.

O COMICIO

Realisa-se hoje, pelas 10 horas da manhã, no vasto armazem do Rocio, já conhecido do publi-

co, o comicio annuciado, em que tomam parte os talentosos oradores e jornalistas Consiglieri Pedroso, deputado da nação, Francisco Gomes da Silva, Feio Ternas, Albano Continho e outros.

O povo deve concorrer em grande massa a lavar n'esse comicio um protesto eloquente contra as patifarias que conhece. Trata-se d'altas questões de liberdade, dos mais sagrados direitos do homem. E se o povo não accode a defender uma e a zelar os outros, não se queixe de todos os atropellos e de todas as mais arbitrariedades que tenha no futuro de soffrer. A fraqueza em supportar um abuso provoca novos abusos; a pusillanidade em não repellir patifarias é o melhor engodo para que estas se repitam cada vez mais fortes, cada vez mais insupportaveis. Se de ha muito a população aveirense tivesse seguido a conducta energica que tem seguido ultimamente, nunca se teriam dado entre nós os crimes, as arbitrariedades, os despotismos, as infamias que todos lamentâmos. Ou pelo menos teriam cessado no dia immediato áquelle em que a primeira se tivesse commettido. Foi a nossa indolencia, foi a nossa incuria, foi o nosso desleixo, foi o nosso indifferentismo, que creou o estado anomalo e desgraçado em que vivemos. O firminismo existe, mercê da nossa fraqueza e não da força d'elle. Se a malandragem usurpou a liberdade e o direito publico, não foi porque o morcego tivesse vóds d'agua ou as garas vigorosas d'esta ave de rapina para ferrar na preza descuidada. Foi porque a inercia de que estavamos possuidos nem deu pelo chiar do agourento bicho. Aproveitando-se da indolencia que nos tinha dominado, ou do tedio que nos inspiravam, ou do desprezo asqueroso que esses bandidos provocavam a toda a gente, foram minando, foram usurpando, foram roubando e destruindo. Quando acordâmos, ou quando o tedio passou a indignação, a obra dos bandidos estava quasi completa e era preciso muito trabalho e muita energia para a reduzir ás proporções d'onde viera.

D'ahi esta lucta, que se tem prolongado e durado.

Mas, mais vale tarde do que nunca. A população de Aveiro ainda vem a tempo de restabelecer a moralidade, a ordem, a lei e a liberdade n'esta terra. Comtante que os seus esforços sejam viris e resolutos. Comtante que permaneça inabalavel no seu proposito de mostrar aos altos poderes do estado que não consentirá de modo algum na deshonra e no vilipendio que pretendem impôr a esta terra. Querer é poder. Querêmos nós, e nós poderemos tudo.

O facto, a verdade, é que isto não pôde continuar assim, se porventura o povo aveirense tem sangue nas veias; se por acaso tem amor á dignidade publica e á sua dignidade pessoal. Porque, embora as irmãs da caridade tenham sahido de Aveiro, embora Manuel Firmino não exerça já as funções de governador civil, são ainda os firminos que põem e dispõem dos destinos d'esta terra. A questão das irmãs da cari-

dade venceu-se. Era uma questão importantissima. Mas, se é menos ruidosa, não é menos importante aquella que se discute actualmente. A questão das irmãs da caridade era uma questão de liberdade geral e de dignidade collectiva. A questão do mudo, a questão dos sorteamentos militares, do recenseamento eleitoral, das traficancias commettidas na eleição da Santa Casa, tudo que se tem feito ha mezes para cá, além de representar outra grave questão de liberdade geral, é uma questão importantissima de liberdade individual e de dignidade particular.

Sahiram as irmãs da caridade, é certo, e Manuel Firmino deixou d'exercer as funções, que estava exercendo, de governador civil. Mas isso representou uma desaffronta? Representou um acto de justiça? Poderia representa-lo no instante em que esses factos se déram; hoje, não. Se José Luciano de Castro arrumasse de vez com o firmino; se não consentisse que esse bando de malandros continuasse a dispôr dos destinos d'esta terra, poderíamos nós transigir, embora não nos tivessem feito a justiça a que tínhamos direito. E dizemos—embora não nos tivessem feito a justiça a que tínhamos direito—porque a verdade é que as irmãs da caridade não sahiram porque se atendessem as nossas reclamações, porque se reconhecesse o nosso direito; sahiram porque fomos impellidos quasi que a fazer uma revolta e o ministro do reino teve medo. Porque a verdade é que durante essa questão das irmãs da caridade vieram a publico circumstancias escandalosissimas, averignou-se que Manuel Firmino d'Almeida Maia era um criminoso sujo, que toda a companhia dos malandros era uma snicia de gatunos e de quadrilheiros infamissimos, e Manuel Firmino não só não foi castigado, como nem sequer ao menos demittido do cargo que exercia, segundo a moralidade e a dignidade publica e particular reclamavam e pediam. Déram-lhe todas as honras de vencido.

Mas vá. Ficariamos por ahi, transigiríamos até esse ponto, se ao menos depois d'isso houvesse legalidade e justiça n'esta terra. Se ao menos depois d'isso a companhia de malandros se retirasse aos antros d'onde tinha vindo e não continuasse dirigindo os destinos da cidade de Aveiro, tão gloriosa e tão nobre pelas suas tradições.

Ora, o que succedeu? Que o digam todos. Succedeu que a cidade ficou sendo d'elles, tanto ou mais do que era d'antes. Succedeu que a malandragem porca continuou a fazer tudo quanto queria. Succedeu que a protecção, que o sr. ministro do reino concedia a esses malandros, foi mais aberta e mais descarada do que nunca. Succedeu que, para nós aveirenses, deixou de haver tribunaes, deixou de haver magistrados, deixou de haver leis, porque tudo se converteu em instrumento das vis paixões e dos odios miseraveis de meia duzia de faccinoras.

Assim, o Tribunal Administrativo é uma agencia dos firminos. Ninguém ignora o espirito de par-

cialidade, de facção, de favoritismo revoltante de que tem dado provas os juizes respectivos. Se se trata d'uma questão, dependente d'esse tribunal, em que entrem por litigiosos os firminos, baldado é esperar justiça, ou o cumprimento da lei. Rasgue-se o codigo, espesinhe-se a lei, calque-se aos pés o decoro e a vergonha, mas a sentença ha de ser proferida em favor dos firminos.

No Tribunal Judicial a mesma coisa. O processo do mudo, esse grande escandalo que o Povo de Aveiro desfiou no ultimo numero e continua commentando hoje, diz tudo o que se possa dizer. Prende-se um homem, bom ou mau, isso não quer dizer; conserva-se oito mezes n'uma enxovia; persegue-se como um lobo, e quando se pergunta:—Então prende-se assim um homem sem culpa formada? Quem tem a culpa d'isto?—Não a tem ninguém, respondem os juizes, porque esse homem não estava propriamente preso, estava vigiado, e para vigiar um homem não diz a lei se se deve ter na cadeia, se se deve ter em liberdade.

E' espantoso! Mas, infelizmente, todos sabem que é certo.

Se não se protesta contra um principio de tal ordem, se se lhe dão fóros de legalidade, a que consequencias e resultados irá ter?

E tudo para proteger os malandros. E tudo porque os tribunaes são dos firminos, d'elles e só d'elles. Não se tinha visto já como o agente do ministerio publico tinha sido sollicito em processar os membros da opposição por causa dos motins da Santa Casa? Não se viu como elle foi remisso em processar os verdadeiros criminosos? Ora isto atura-se? Podem-se admittir desigualdades d'estas? Não deve o povo erguer hoje clamores energicos no comicio contra tantos e tão repetidos escandalos?

Portanto, são d'elles os tribunaes, é d'elles a comissão do recrutamento, é d'elles a comissão do recenseamento, é d'elles tudo, emfim.

Na comissão do recrutamento as patifarias atropellam-se da mesma fórma. Elles apuram os mancebos que querem. Elles marcam os numeros, elles fazem-nos tirar duas vezes quando algum protegido se engana e em lugar de tirar um numero marcado tira um numero baixo. E lá vão os infelizes para soldados, emquanto elles e os afilhados se ficam rindo da pouca vergonha.

Na comissão do recenseamento eleitoral a mesma coisa. Assim como eliminam a liberdade individual, com sancção dos tribunaes, está claro, assim eliminam a liberdade de voto. Cadeia e arrocho! E' a divisa da canalha que manda em Aveiro.

Ora sem liberdade individual, porque quem não lhe agrada vae para a cadeia; sem liberdade de voto; sem tribunaes para onde appellar, porque os tribunaes são d'elles; sem pelle e sem bolsa, porque, além de tudo, elles roubam-nos na camara municipal, elles roubam-nos nas obras do Terreiro como nos roubaram nas obras de Sá, elles roubam-nos no Asylo Escola, elles roubam-nos em tudo; nas mãos, emfim, d'es-

La quadrilha, como nós estamos, quadrilha, ainda por cima, nas graças e na intimidade do sr. ministro do reino, que fazer? Nós não sabemos que o unico recurso eficaz seria um bacamarte. Mas como os nossos intuitos são todos de legalidade e de paz, como havemos d'esgotar todos os recursos ordeiros, ainda assim o expediente com que podemos lograr alguma justiça, ou senão com que o paiz nos ouça, são os comícios, os comícios d'onde haremos de passar para as camaras.

Por todos estes motivos, é de esperar que a concorrência de povo seja hoje grande na reunião annunciada.

Para a impedir espalham os indecentes gatinos da Vera Cruz que no comício haverá desordem. Julgam com isto intimidar o povo e assim prejudicar a grande manifestação que se projecta. Nós confiamos, entretanto, no bom senso do publico para perceber a origem e o motivo de tão estapafúndios boatos.

Não haverá desordem nenhuma. A opposição não sahirá de modo algum do campo da legalidade. Vae exercer os seus direitos, protestando contra os abusos que as auctoridades tem commettido. Por conseguinte, vae empregar um meio pacifico que se emprega em todos os paizes civilizados, que está ao abrigo de todas as leis e na indole dos principios representativos. Nem as desordens servem a niqum, nem a opposição, que protesta exactamente pela legalidade, lançaria mão n'um comício de recursos violentos. Quando nós os entendemos necessarios não iremos para os comícios, iremos para outra parte. Os comícios, repetimos, são um meio d'ordem, um elemento de progresso e um esboço da liberdade.

Ora se estes são os intuitos da opposição, quem ha de provocar as desordens? Os amigos do governo? Assim o declararam elles. Mas, por isso mesmo que o declararam, por isso mesmo que a mentira é manifesta. Se o não declarassem, poderiam fazer as desordens, para lançarem, tratantes e trampoloneiros como são, a culpa e a responsabilidade aos seus adversarios. Tendo-o declarado, se houvesse desordens todo o mundo saberia que os auctores eram um deputado da maioria, um ex-director do *Correio da Noite* e um governador civil substituto. Sobre isso, não havia duvidas para ninguém. Ora, tratando-se exactamente de discentir a protecção escandalosa concedida pelo ministro do reino a esse governador civil, não tendo o mesmo ministro do reino dado a demissão a este homem assim que elle annunciou as desordens, o facto d'estas se darem, seria um attentado e um escândalo tama-

no que o ministerio não lhe resistiria na situação critica em que se encontra.

Por conseguinte, a fanfarronada e a pantomina são manifestas. Não haverá desordens nenhuma. Concorra o povo em massa ao comício e a legalidade sahirá mais uma vez triumphante.

Começaremos n'um dos proximos numeros a transcrever do «Partido do Povo», jornal republicano que ha uma duzia d'annos se publicou em Coimbra, artigos rasgadamente republicanos que o sr. Barboza de Magalhães escreveu para aquelle jornal.

Queremos que os leitores vejam por todos os lados o caracter d'estes bandidos de Aveiro. Queremos que vejam até se fartarem que para os quadrilheiros infames nunca houve seriedade nem coisa nenhuma.

E não de ficar satisfeitos, estamos certos d'isso.

JUSTIÇA E INJUSTIÇA

A idéa de Justiça, ao mesmo tempo que é das mais generosas, é das mais fortes e das mais arreigadas no espirito do homem. «Não temos necessidade, diz Julio Simon, de provar em nós a idéa de Justiça, porque já provámos que todos os homens amam naturalmente a Justiça.»

Desde os tempos mais remotos que a justiça é o mais soberbo ideal e a mais nobre aspiração dos povos. Ser justo contra si proprio, contra o vicio do lavrador, a sordida economia, justo para o servo, justo para o animal, justo para todos, tal era um dos pontos sagrados do evangelho da Persia antiga e honrada. «Os tres puros (1) queixam-se do homem injusto que os prejudica. Maldicto seja tu e seus filhos, diz-lhe a planta, tu, que me não dás aquillo que eu desejo (agua).» O cavallo exclama: «Não esperes que eu te ame e que seja teu amigo, quando tu me montares, tu, que me não dás o alimento e a força necessaria para apparecer com honra na assembléa da tribu.» A vacca termina: «Maldicto seja tu, tu que me não tornas feliz, que não queres que eu engorde para tua mulher e o teu filho.»

Quão poetica e quão singelamente não exprimem essas phrases a grandiosa e bella aspiração de justiça!

Na Grecia, o amor da justiça e da lei é consagrado pelas *Thesmophorias*, a festa das mulheres,

(1) Michelet—*Bible De L'Humanité*.

a festa das leis. Eschytes evoca contra a tyrannia, Prometheu, filho da Justiça. «Oh, Justiça! Oh minha mãe!...»

Jeremias, ao chorar sobre os muros de Jersusalem, exclama: «Eu farei nova alliança. Eu escreverei a Lei, não mais sobre a pedra, mas no coração e nas entranhas. Porque então todos me hão de conhecer, e os pequenos conhecer-me-hão tão bem como os grandes.» Ezechiel completa o pensamento: «O divino só é divino porque é justo.»

Vê-se em tudo isto a prova d'aquella affirmacão de Julio Simon. (1) prova de todos os tempos, de todos os povos, de todos os philosophos: «Todo o homem sente que a humanidade é violada na sua pessoa quando se commette uma grande injustiça.»

Por isso mesmo que a idéa de justiça é innata no homem, por isso mesmo a injustiça é aquillo que mais revolta, que maior indignação produz.

Os srs. magistrados da comarca de Aveiro não tem, pois, que estranhar o desagrado profundo com que o publico recebeu o triste desenlace da questão de Joaquim Chia. E muito sinceramente lhes continuámos a aconselhar que façam as malas e que se retirem na paz do senhor, porque por aqui não fazem nada. Estão julgados e condemnados. Ora quando um juiz perde o prestigio, o melhor que tem a fazer em bem da sua pessoa e da causa que representa é fazer uma viagem em busca d'ares medicinaes. Para a Bohemia, meus senhores, para a Bohemia, que da Bohemia, se não nos enganámos, vieram v. ex.^{as}. Não d'aquella Bohemia d'outros tempos, estravagante, divertida, folgazã, mas cavalheirosa e honrada. D'essa Bohemia foram grandes espiritos. Até o nosso bom José Estevão, que foi um dos chefes. Nem tambem d'esta Bohemia coimbrã dos nossos dias, que causa nojo á gente, Bohemia cynica, dissoluta, depravada, incapaz d'um acto revolucionario, d'um rasgo d'altivez generoso e grande, mas capaz de todas as baixezas para conseguir o que pretenda, até para conseguir... um feriado.

Isso não é a Bohemia. Confunde-se. Confundem os interessados, em interesse proprio. E' uma provincia limitrophe, que se chama Vadiagem.

Ora v. ex.^{as} não são d'essa Bohemia boa. Claro é que tambem nada tem com esta Bohemia má, e seriamos incapaz de lhes dirigir a suprema injuria de os considerar cidadãos d'esse paiz. Mas são d'uma Bohemia intermedia, que não morre d'amores pela primeira, e que de vez em quando se allia com a segunda contra o

(1) *Le Devoir*.

rei Catão e o seu ministro Brutus. Não que Cesar tem mãos rotas para os amigos e unhas afiadas para os adversarios!

Ora, pois!
Já vimos então o processo de Joaquim Chia. Hoje pouco temos que acrescentar. Aquillo ficou desfiadinho! Entretanto, ha uma coisa que nos mette muita graça. São aquelles **dez mezes** que o sr. José Luciano levou a mandar soltar o homem **sem demora**. Se o manda soltar sem demora, não sabemos, na verdade, quando o homem sahiria da cadeia!

No fim de contas, o juizo do sr. ministro do reino, que já não estava em cheiros de santidade, é que sofre com isto. Porque se o illustre conselheiro não está doido, para responder no fim de dez mezes era melhor calar-se. Depois dizia qualquer coisa. Sempre colhia mais um pretexto ou uma mentira que elle arranjasse, do que a verdade esmagadora com que se sahia.

Mas dez mezes, dez mezes! Dez mezes para declarar no fim, terminantemente, que o homem estava preso illegalmente! Vamos a ver se no comício de hoje algum descobre que novos projectos de communicacão são esses que o sr. ministro do reino está executando. Teria elle mandado que o officio desse volta á lua antes de chegar a Aveiro? Nem assim tem desculpa. Porque poderia encarregar Julio Verne de o expedir e já cá estava ha muito tempo.

Nada, aquillo andou alli successor de Zé Palavra. Ou foi o espirito do pobre Zé Palavra que inspirou o sr. presidente do conselho, e é o mais certo porque o sr. presidente do conselho é espirituista, ou foi o sr. Almeida e Brito que, bom cultivador como é, transplantou a raça do velho barbeiro aveirense para o ministerio do reino. E está tudo explicado. O portador do officio, verdadeiro continuador dos heroicos empreendimentos do José Palavra, veio á Palhaça beber dois decilitros, tomou para Bordéos, onde decilitrou um de cognac, em duas pernadas foi á China beber chá para compôr o estomago, e da China veio a Aveiro entregar o officio. Ainda assim chegou a tempo. Mas encontrou-se com o Joaquim do Paço, e... esqueceu-lhe o officio no bolso. Só se lembrou depois de ter visitado as *capellas* todas d'estes arredores e de ter despertado da somnolencia que das visitas lhe adveio.

Ora ahí está. E que remedio temos nós senão levar isto a rir?

Outra que tambem não é má é aquella de Manuel Firmino ser o proprio a confessar, no officio dirigido ao ministro do reino, que foi a auctoridade que promoveu o julgamento de Joaquim Chia. E porquê? *Por suspeitas de haver*

tentado contra a vida do presidente da camara.

Querem-n'a mais clara? Era preciso pôr o homem fóra do Ovar. Arranjou-se-lhe um processo de radio, e prompto. E' o proprio Manuel Firmino que o declara. E' elle mesmo a dizer que foi a auctoridade que lhe promoveu o julgamento *por suspeitas de haver tentado contra a vida do presidente da camara.*

Joaquim Chia será um homem perigoso, como elles dizem. Será o que elles quizerem, que nada importa para o attentado á liberdade individual que estamos tratando. A questão é de principios, não é de homens.

Mas supponhâmos que Joaquim Chia é mesmo tudo que elles dizem. Qual seria o homem digno, honesto, sério, mas que por qualquer circumstancia prejudicasse os patifes, que estaria livre de lhe tecerem uma patifaria assim?

Eis o perigo, o grande perigo que resulta de ficarem impanes attentados d'estes.

Emfim, uma que tambem vale alguma coisa é a tal do sr. Leitão confundir vigilancia policial com prisão. Como o governo tem d'exercer a devida vigilancia sobre os vadios, entende o *talentoso* delegado do procurador régio em Aveiro que se não póde dar inteira liberdade aos vadios, *antes das providencias do governo.*

Ah!... perirão, que ainda aqui vem outra: elle diz—*antes das providencias do governo.* Quer dizer, antes das providencias do governo é que não ha inteira liberdade, ha *meia*; depois das providencias ha liberdade *inteira e meia*. Não é assim, sr. Leitão? Depois, nem vigilancia, nem coisa nenhuma. Cada um governa-se... E' d'esse modo que o sr. interpreta o art. 256, pois não é verdade? Póde limpar a mão á parede, que está bem servido.

Depois aquella de... inteira liberdade. Quer dizer, *meia liberdade* é estar mettido n'uma enxovia. O que será *liberdade ou liberdade nenhuma* para este fiscal dalei?

Emfim, um cumulo d'injustiças e de tolices.

Pois ainda havemos de voltar á questão.

PANTOMINEIROS IMBECIS

Na sentina da Vera Cruz estava, quarta-feira, affixada esta coisa:

«Assumiu a direcção politica do *Correio da Noite* o sr. Anselmo d'Andrade, litterato distincto e deputado da nação. S. ex.^a tinha já sido convidado para exercer aquelle logar quando chegou da

Os grandes espiritos têm ás vezes fraquezas de sandeus. Temos na audaciosa proposição do conego uma prova bem evidente.

E foi para isto que o *Seculo*—que não possui um unico redactor de competencia em assumptos de litteratura—nos andou para ahí a bufar aos ouvidos que o sr. Alves Mendes é o *principe da palavra!*

Principe da palavra! Mais de vagar, senhores do jornal da rua Formosa; onde nos querem levar? Que desorientação é essa?

Ou os senhores não avaliaram bem o enorme peso da phrase, ou lhe desconhecem a significação, e por isso a empregaram com a insciencia leviana e pedantesca de um alumno d'instrucção primaria.

Escolham.

Segundo o *talentoso* orador sagrado, na litteratura portugueza houve simplesmente dois homens eminentes: Luiz de Camões e Alexandre Herculano. Todos os outros preexcellentes escriptores

Folhetim

O DISCURSO DE ALVES MENDES

Á CERCA DE

ALEXANDRE HERCULANO

Tenho ha muito sobre a minha modesta mesa de trabalho o discurso do conego Alves Mendes, recitado por occasião da trasladação dos restos mortaes do notavel historiador Alexandre Herculano, do obscuro cemiterio d'Azoia, para o sumptuoso monumento dos Jeronymos em Belem. E agora, que se annuncia com grande pompa em largos caracteres nos corpos dos jornaes o apparecimento de um livro do conego—*Discursos*—parece-me oportuno publicar estas ligeiras notas ao correr da penna, feitas ao famoso discurso que tanto ruido fez por essa Lisboa fóra.

Li-o então com aquella irre-

sistivel curiosidade de quem estuda a serio a lingua do seu paiz, e que por isso mesmo escolhe as obras dos mais doutos, dos mais elegantes e vernaculos escriptores.

Confesso que por este lado muito me satisfiz o livro do dr. Alves Mendes.

Tem imagens formosissimas, de um colorido variado e vivissimo, realçado por uma opulencia magestosa de linguagem e por o irreprehensivel burilar da phrase conceituosa, acepillhada e portugueza de lei, o que colloca o talentoso conego no plano dos primeiros prosadores da actualidade. Tem rasgos soberbos d'eloquencia, que nos arrebatam extasiados, como succede ao ler uma pagina de Lamartine, de Latino Coelho ou de Rebello da Silva.

Porém, o leitor attento, o critico perspicaz, o espirito observador nota em todo o contexto do discurso do conego, a constante preocupação de fazer estylo, o que seria na verdade muito louvavel e mesmo muito util—porque sempre se ganha em ser

aprimorado na linguagem—se aquelle fito não arrastasse o auctor a exaggerar ás vezes na apreciação, outras a descambar no superfluo, cabindo n'uma como perissologia, outras ainda a commetter flagrantes injustiças e a sinicar em contradicções palpaveis. E isto é tanto mais imperdoavel, quanto é certo que o sr. Alves Mendes pensou largamente o seu discurso, planeou-o, escreveu-o depois, burilou-o, retocou-o com o escrupuloso esmero de um estudioso da vernaculidade, e decorou-o afinal com toda a paciencia que exige um trabalho d'aquella cathegoria, destinado demais a mais a ser proferido perante um auditorio selecto, onde havia professores, jornalistas, escriptores, parlamentares, medicos, generaes, advogados, em resumo—o que ha de mais illustrado e notavel n'uma sociedade.

Assim, a paginas 38 do livro do conego Alves Mendes, lê-se com assombro esta estupendissima passagem que dá a nota vi-

brante de um arrojo descommunal:

«A gloria das letras portuguezas morrera em Camões para resurgir em Herculano. Depois do grande epico—no largo cyclo de quasi trezentos annos—houve pennas mais ou menos aparadas e talentos mais ou menos culminantes: um Sousa, um Vieira, um Bernardes, um Diniz, um Garção, um Tolentino, um Bocage, um Macedo, um Filinto; mas litteratura portugueza não houve. Se não, é compulsar as obras d'essa epoca: entanguidas e contrafeitas; congelam e tentalisam!»

Isto pensou-se, isto escreveu-se, isto disse-se, e pelo cerebro e pela penna e pela bocca do sr. Alves Mendes!

Confesso, presadissimos leitores, que parei embasbacado, perante esse punhado de extraordinarias absurdidades que se comprehendiam e explicariam n'um principiante inconsciente, mas que são absolutamente improprias de um escriptor da estofa do conego Alves Mendes.

provincia o sr. A. Vilhena. Foi por isso que este ultimo só provisoriamente accêitou o cargo, quando se despediu da mesma folha o sr. Simões Dias.»

Em 23 de março tambem lá esteve affixado isto que se segue:

«CORREIO DA NOITE.—Tomou a direcção politica do *Correio da Noite*, um dos primeiros orgãos do partido progressista na imprensa de Lisboa, o nosso redactor principal, o sr. J. E. d'Almeida Vilhena, um dos membros mais antigos e distinctos do jornalismo portuguez. Desde a fundação d'este jornal, ha 38 annos, que elle tem, com uma dedicação e assiduidade incomparaveis, illustrado gratuitamente estas columnas com a sua penna tão conspicua como brilhante, o que justamente lhe concedeu um prominente logar na primeira fila dos grandes luctadores do partido. Tão longa, e sempre leal e boa camaradagem fez d'elle para nós um chefe incontestado e um amigo inseparavel. E mais um relevante serviço lhe devemos, a elle que fez d'este jornal o pouco ou muito que elle é: apezar d'aquelle seu novo e trabalhoso encargo, continua a honrar-nos, o mais que poder, como até aqui, com a sua distincta collaboração, o que nos é gratissimo communicar aos nossos leitores.»

Ora vejam os leitores se d'esta ultima latrinada se deprehende d'algum modo que Zé Forqueta entrasse provisoriamente para o *Correio da Noite*.

Deprehende-se exactamente o contrario. Elles apresentaram aquillo como definitivo e como uma grande gloria para o jagodes. Tanto que por oito dias, só, não valia a pena para o heroe passar de redactor principal da sentina a simples collaborador da mesma.

Se era provisoriamente, porque o não declararam logo?

Farçantes! Mas todo o mundo lhes percebe as intrujices.

Corrido é que tu foste, mariola. E bem corrido.

A proposito. Varios jornaes referiram que o mariola tinha sido nomeado membro do jury para o concurso de historia no collegio militar. Ora esta noticia foi dada pelo *Dia*, depois d'uma grande troça que fez ao mariola. Era uma noticia ironica, nada mais.

Mas alguns jornaes cahiram no logro.

Historias, historias tem elle. De historia está muito mal.

Carta da Bairrada

Março, 30.

Uma magnifica semana para os serviços agricolas, esta que

que têm enriquecido sobejamente a litteratura nacional com obras monumentaes foram *pennas mais ou menos aparadas*, umas personalidades de maior ou de menor talento, as suas obras *então produzidas*, e d'aqui não ousaram passar!

E' pasmoso, formidolosamente pasmoso, mas está escripto e foi dito pelo sr. Alves Mendes.

Em qualquer outro escriptor que não houvesse dado as provas publicas do inconscuso talento e saber com que se tem affirmado, mais de uma vez, na galeria dos escriptores portuguezes de subido merito o famoso orador sagrado, semelhantes proposições — excluindo a parte respeitante a Camões que foi um genio — ou provocariam simplesmente o sorriso do mais soberano desdem, ou seriam apenas um deploravel attestado da ignorancia de quem ousasse publical-as.

Na verdade, é bem difficil a situação do critico — se d'este nome alguma coisa merecemos — em frente dos vãos audaciosos de um talento caprichoso e des-

hoje finda. Nas vinhas adiantaram-se as cavas e fez-se a primeira lavoura em algumas terras de sementeira. Começaram tambem esta semana os serviços na propriedade annexa ao edificio onde tem de funcionar a escola de viticultura da Bairrada, em Anadia, no antigo solar dos condes do mesmo titulo. A vinha, que é extensa, estava ainda por podar, e esse trabalho está agora a fazer-se pelo systema Guyot e á tesoura, sob a indicação do digno director da mesma escola, o sr. José Maria Tavares da Silva. E' muito tarde já para a operação da poda das vinhas, agora que a seiva está em pleno movimento e que se vê estravarar em lagrimas pelos golpes que se fazem nas varas. No entretanto a responsabilidade da demora d'estes serviços não cabe ao director da escola, que obedeceu simplesmente a determinações superiores e terá sido, decerto, o primeiro a sentir que, para ensaio experimental em uma escola pratica de viticultura, se comece por pôr de parte para os primeiros trabalhos na vinha o periodo dentro do qual se deve effectuar, sem prejuizo, a poda nos vinhedos da Bairrada.

A escola, na sua parte theorica, não funcionará tão cedo. Ainda agora se procedeu ao levantamento do projecto para as obras que é necessario fazer no edificio para o apropriar ao fim a que foi destinado. Serão custosas, e isso já se pôde prever, as despesas a effectuar para que o antigo solar dos condes de Anadia possa ser convertido em uma escola de viticultura ao modo da que está a ponto de installar-se em Torres Vedras, cujo orçamento subiu a quantia superior a 50.000\$000.

* * *

Temos á porta a exposição de Pariz, e a Bairrada, mal parece dizê-lo, será pobre e mesquinha, representada n'aquelle glorioso certamen que vae abrir-se á contemplação dos povos de todo o mundo, n'aquelle surpreendente e maravilhoso bazar que vae fazer a apothose da industria humana nas suas mil manifestações de actividade e progresso.

Difficilmente se tem comprehendido na Bairrada a necessidade de levar a Pariz as amostras dos nossos vinhos, e já agora será tarde para fazer saber da indiferença os que só tem palavras para lastimar que os vinhos não se vendem e não sabem cogitar nos meios proprios para os tornar conhecidos nos mercados externos. Confiam tudo nos governos os patriotas dirigentes da Bairrada, e o governo actual, sem plano definido de administração, sem ideias assentes em cousa alguma, declarando em pleno par-

igual, que assim se destriba e desmanda, arrastado nas azas potentes da mais desenfreada e phantastica hyperbole que se pôde conceber em espiritos superiores.

Sim; seria devéras embaraçosa para determinar a classificação, se o proprio auctor do discurso se não houvera encarregado, inconscientemente, de se refutar a si proprio, citando aquella pleiade de enormissimos talentos, entre os quaes figuram verdadeiros genios — o que Hercules decerto não foi — e alguns até lhe foram superiores, na prosa como na poesia.

Argumentarei n'este ponto com um ou outro dos nomes de que falou o conego Alves Mendes, para não me explicar demasiado n'estas «correrias venatorias pelos montados da critica» — como n'este caso escreveria o sr. Alexandre da Conceição.

* * *
O celso conego, com uma indifferença esmagadora, com uma frieza risivel e digna de melhor

lamento que não concorria oficialmente á exposição, nem auxiliava as industrias e a agricultura; perplexo depois se havia ou não de sustentar a sua palavra ou ficar com a nodoa que reflectiria no paiz, se Portugal não se representasse na exposição; obrigado mais tarde a nomear commissario fiscal quem, dos bancos do poder, tanto maltratára com viva ironia os commissarios e as exposições; o governo actual resolvendo á ultima hora estimular as industrias e a agricultura a concorrer a Pariz será o primeiro culpado, um culpado criminoso de lesa patriotismo, se a secção portugueza, a ajuizar pelos poucos expositores da Bairrada, fôr pobre, mesquinha, ridicula.

Que ha boa vontade da parte da Associação Central da Agricultura, da delegação do Porto, do agronomo chefe da região e do director da escola de viticultura da Bairrada para esta localidade se fazer representar dignamente, isso é negavel; mas chegaram tarde as reclamações, os vinhos melhores estão vendidos e os lavradores sem terem tido quem ha mais tempo os esclarecesse sobre a conveniencia de concorrerem a Pariz, fiados no governo, que só á ultima hora acordou, deixar-se-hão entregues á sua peculiar indifferença e a Bairrada perderá mais um ensejo de ser conhecida lá fóra como uma das mais importantes regiões vinhateiras de Portugal.

E' triste, mas é a verdade.

Noticiario

● **POVO DE AVEIRO vende-se em Lisboa no kiosque do Rocio, lado sul.**

A absoluta falta de espaço obriga-nos a retirar alguns escriptos que temos em nosso poder e bem assim um communicado da Companhia Singer, em que avisa os seus numerosos freguezes do districto de Aveiro para que se acatellem com um pantomineiro que, por mandado de alguém, ahí appareceu a offercer-se para concertar as suas creditadas machinas, mas que só tem em vista estragal-as.

O sr. Francisco Marques Pereira de Lemos, digno tenente de infantaria 23, foi agraciado com a medalha de prata de bons serviços.

O nosso parabem.

Está a concurso, durante o praso de sessenta dias, a empreitada geral da construcção de uma ponte e suas avenidas sobre o rio Vouga, nas proximidades de S. João de Loure, concelho de Albergaria.

emprêgo, metten o padre Vieira em o numero dos grandes talentos, e com isto se contentou. Ha de perdoar s. ex.ª, mas, ou conhece pouco dos tomos em que estão colleccionados os sublimes, os magestosos e immortaes discursos do padre Antonio Vieira, ou quiz ser injusto muito de proposito.

Porém... não; não foi, provavelmente, nada d'isto; façamos justiça ao talento do sr. conego. Foram as palavras, foi a penna que *armou uma cilada* ao pensamento do conspicuo escriptor, exprimindo uma coisa diversa do que elle pensava. Falando de Vieira, o que o sr. Alves Mendes quiz, ou o que pelo menos a sua consciencia lhe bradava bem alto, era que o lugar d'esse colosso inexcudível da penna, talvez tão cedo inegalavel, que se chamou Antonio Vieira, esse gigante originalissimo da palavra que esculpia com o cinzel de Miguel Angelo e coloria com o pincel de Raphael de Rubens, superior a Monte-Alverne, a frei Francisco de St.ª Thereza de Jesus Sam-

Logo que a obra seja adjudicada, principiarão os respectivos trabalhos.

Desde 1879 até dezembro de 1888 fizeram-se em Lisboa 367 casamentos civis, 461 registos de nascimento, 279 de obito, e houve 26 perfilhações e filiações civis.

Com o titulo *Memoranda*, recebemos de Coimbra o numero unico d'um jornal em que vem reproduzido o que varios jornaes disseram por occasião do anniversario do sr. Joaquim Martins de Carvalho.

Agradecemos.

Na freguezia da Pocariça, concelho de Cantanhede, vende-se a 10 réis o quartilho de vinho.

Uma pechincha para os amadores.

A casa de commissões dos srs. Pessoa & Filhos, da Pocariça, tem comprado ultimamente alguns vinhos brancos, para exportação, a 360 réis o almude.

Em consequencia do grande movimento que tem, vae passar a estação o apeadeiro das Quintas, entre esta cidade e Oliveira do Bairro.

Pedem-nos a publicação do seguinte:

Club Eleitoral Democratico Portuense

Este club commemora no dia 5 do proximo mez de maio a abertura da exposição universal de Pariz, com uma sessão solemne e sarau dramatico-musical. Entre outros, será orador o sr. dr. Alves da Veiga.

CONVITE

Pede-se a todos os correligionarios e publicistas nos honrem com os seus artigos para um numero unico, que este club tenciona publicar no dia 14 de junho proximo, para commemorar o centenario da Revolução Françeza, devendo esses artigos ser dirigidos para a praça do Bolhão n.º 70, Porto, até ao dia 30 do corrente.

Porto e sala do club, 1 de abril de 1889.—Pela direcção, João da Costa Brandão.

Registrou-se na administração do concelho da Figueira da Foz o nascimento d'um filhinho do sr. Joaquim Soares, negociante, recebendo o nome de Raul.

Revista Popular de Conhecimentos Uteis

Summario do n.º 44:

A educação da mulher (III); Os embaraços gastro-intestinos estacionarios; A cultura do anil em Angola; A acceleração; Coura-

paio, a Bossuet e a Massillon, é no plano superrimo dos genios, dos semi-deuses da penna e da palavra!

Quando disse que as palavras *armaram uma cilada* ao sr. conego, exprimindo uma coisa opposta ao que elle queria dizer, não escrevi um gracejo banal, uma futilidade incidente, uma affirmacão leviana.

E' o proprio sr. Alves Mendes que se impoz a ingloria tarefa de me justificar, contradizendo-se, quando, ao falar de nós, portuguezes, dos nossos genios, das nossas sumidades, escreve a paginas 50 e 51 isto, que está em perfeita e absoluta contradicção com o que já dissera a paginas 38:

«Senhores:

«Cada um de nós tem a sua pequena patria, o seu estado reduzido, o seu municipio, o seu lar; ama entranhadamente tudo isso, porque ahí está a raiz da sua existencia, o berço do seu coração: mas tem igualmente, e ama ainda muito mais, a sua grande patria, a patria do seus es-

cados; As novas linhas ferreas; A ultima nau portugueza; Mungidura das vacas; Conselhos aos operarios (VI); Novo tratamento da tuberculose; Invenção da lithographia; Fabrico de metaes; Nova colla; Destruicção da pyral; Submarinos; Novo para-raios.

Era destinada ao numero de domingo a correspondencia da Bairrada, que hoje publicamos. Devido, porém, ao *excellente* serviço da respectiva ambulancia, a carta foi *passar* até ao Porto e só a recebemos ao fim da tarde de sabbado, quando o jornal já estava no prélo.

Pedem-se providencias para estas irregularidades.

Recebemos o *Almanach do Guitarista das Salas*, para 1889, contendo, além do indispensavel n'um completo almanach, 31 canções para piano e guitarra. Agradecemos.

Pôde dizer-se terminada por este anno a feira de Março. Retiraram já quasi todos os negociantes, achando-se apenas abertas algumas barracas de quinillherias.

Em geral o mercado esteve animadissimo, fazendo todos bom negocio.

Ha muitos annos que a feira não corria tão boa, como este anno correu.

Mercado de Aveiro

Preços porque no ultimo domingo se venderam n'esta cidade os seguintes generos:

Feijão branco (20 litros)...	960
Dito vermelho.....	800
Dito laranja.....	15600
Dito manteiga.....	860
Dito amarello.....	840
Milho branco.....	600
Dito amarello.....	580
Trigo.....	900
Ovos (cento).....	880
Azeite (10 litros).....	15850
Batatas (15 kilos).....	280

Annuncios

Contra a tosse

XAROPE PEITORAL DE JAMES, unico legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal, e pela Inspectoria Geral de Hygiene, da corte do Rio de Janeiro, ensaiado e aprovado nos hospitais. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco-Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drograria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

pirito, a terra historica da sua gente, essa aggremação soberana, essa nacionalidade fascinantissima onde têm estrallejado os genios phenomenaes que são a aureola celestial de um povo. E quando um tal povo se chama Portugal, quando esse povo é este povo egregio que se agigantou nas musculaturas dos heroes e se entraron na gloria das conquistas; quando é este povo intrémulo que arremetteu com o braço de João I e amparou com o sceptro de Manuel; quando é este povo titanico que pensou com o cerebro de Pedro Nunes, sentiu com o peito de Nun'Alvares, escreveu com a penna de João de Barros, navegou com a bussola do Gama, triumphou com a espada de Albuquerque, cantou com a lyra de Camões e prégou com a lingua de Vieira;... etc.»

(Continúa.)

ABILIO DAVID.

MAIS UM TRIUMPHO

ALCANÇADO PELAS POPULARES
MACHINAS DE COSER

DA

Companhia Fabril SINGER

NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE BARCELONA

O PRIMEIRO PREMIO

MEDALHA DE OURO

E' esta a melhor resposta que podemos dar áquelles competidores que nos estão continuamente provocando a confrontos.

A COMPANHIA SINGER, a todas as exposições a que tem concorrido, tem sahido sempre victoriosa, em vista da SÓLIDA CONSTRUÇÃO E PERFEIÇÃO DE TRABALHO das suas machinas de costura.

A prestações de 500 réis semanaes e a dinheiro com grande desconto

PEÇAM-SE CATALOGOS ILLUSTRADOS

COMPANHIA FABRIL SINGER

75 — RUA DE JOSÉ ESTEVÃO — 79

AVEIRO

E EM TODAS AS CAPITAES DE DISTRICTOS

EDIÇÃO PORTATIL
DO
CODIGO COMMERCIAL

Approvado por carta de lei de 28 de junho de 1888. (Sem re-
pertorio alphabetico nem reletorio)

PREÇO brochado, 100 réis; encader-
nado, 180 réis. Pelo correio, franco
de porte, a quem enviar a sua impor-
tancia em estampilhas ou vales do cor-
reio á livraria CRUZ COUTINHO, rua
dos Caldeireiros e 1820—Porto.

BIBLIOTHECA ANTI-JESUITICA

O que é a Missa

QUE É A MISSA, primeiro livro da
série que a Bibliotheca Anti-Jesui-
tica tenciona publicar, todos destinados
a orientar o espirito publico sobre o
verdadeiro christianismo tal qual o ins-
tituiu o seu glorioso fundador.

Um volume de 100 pag., 100 réis.

Porto—Caldeireiros, 43

LOTERIAS

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA, com casa de cambio
na rua do Arsenal, 56 a 64, LISBOA, e filial no PORTO, Feira de S.
Bento, 33 a 35, faz sciente o publico da capital, provincias e
ilhas que tem sempre nos seus estabelecimentos grande sortimento
de bilhetes e suas divisões das loterias portugueza e hespanhola.

Satisfaz todos os pedidos, na volta do correio, em carta re-
gistrada, quer para jogo particular ou para negocio; os pedidos de-
vem ser acompanhados de suas importancias, e as remessas feitas
tambem em cartas registradas.

Envia em tempo listas; mas é conveniente fazer o pedido d'estas
na occasião da requisição do jogo, isto para os pedidos parti-
culares.

Os commerciantes que quizerem ampliar o seu commercio
e negociarem em loterias, podem fazel-o dando referencias, fazendo
os seus pedidos e recambiando o que não poderem vender até á
vespera de se effectuar o sorteio. E' negocio em que ha tudo
a ganhar e nada a perder!

As loterias portuguezas são tres cada mez; e os premios maio-
res de réis 8:000.000.

Bilhetes a 48800 réis; meios bilhetes a 24400; quartos a 12200;
oitavos a 600; e cautellas a 520, 440, 260, 220, 130, 110, 65, 55, 45
e 30 réis.

Os commerciantes da provincia, que quizerem nego-
ciar nas loterias de Madrid, têm de tirar uma licença
que nas provincias é de 12500 réis por um anno (365
dias). Decreto de 23 de setembro de 1886, publicado no
Diario do Governo de 28 de setembro de 1886 (n.º 20.)

O cambista Antonio Ignacio da Fonseca promptifica-se
a dar to-las as explicações e a bem servir o publico, quer para jogo
particular ou para revender.
Pedidos ao CAMBISTA

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA

56 — RUA DO ARSENAL — 64

LISBOA



Vinho Nutritivo de Carne

Privilegiado, auctorizado pelo go-
verno e approvedo pela junta
consultiva de saude publica de
Portugal e pela Inspectoria Ge-
ral de Hygiene da corte do Rio
de Janeiro.

É o melhor tonico nutritivo que se co-
nhece: é muito digestivo, fortificante
e reconstituinte. Sob a sua influencia
de desenvolve-se rapidamente o appetite,
enriquece-se o sangue, fortalecem-se os
musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito
nos estomagos ainda os mais debéis,
para combater as digestões tardias e la-
boriosas, a dispepsia, cardialgia, gas-
tro-dynia, gastralgia, anemia ou inação
dos órgãos, rachitismo, consumpção de
carnes, affecções escrophulosas, e em ge-
ral na convalescença de todas as doen-
ças aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto
de cada comida, ou em caldo quando o
doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito
debéis, uma colher das de sopa de
cada vez; e para os adultos, duas ou tres
colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quaesquer bolachi-
nhas, é um excellente «lunch» para as
pessoas fracas ou convalescentes; pre-
para o estomago para aceitar bem a
alimentação do jantar, e concluido elle,
toma-se egual porção ao «toast», para
facilitar completamente a digestão.

Mais de cem medicos attestam a
superioridade d'este vinho para comba-
ter a falta de forças.

Para evitar a contrafacção, os en-
volucros das garrafas devem conter o re-
tracto do auctor e o nome em peque-
nos circulos amarellos, marca que está
depositada em conformidade da lei de 4
de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes phar-
macias de Portugal e do estrangeiro. De-
posito geral na pharmacia Franco—Fi-
lhos, em Belem.

Deposito em Aveiro na pharmacia e
drogaria medicinal de João Bernardo Ri-
beiro Junior.

NINHO E OVOS

POR
EDUARDO SEQUEIRA

Com 28 gravuras e 16 planchas colo-
ridas, representando 86 variedades de
ovos.—1 vol. br., 13000 réis. Pelo correio
franco de porte a quem enviar a sua im-
portancia em estampilhas ou vales do
correio á livraria Cruz Coutinho, edito-
ra, rua dos Caldeireiros, 18 e 20, Porto.

EDIÇÃO MONUMENTAL

Historia da Revolução Por- tugueza de 1820

Illustrada com os retratos
dos patriotas mais illustres
d'aquella epocha

4 VALIOSOS BRINDES A CADA
ASSIGNANTE

TEM sido distribuidos com a
maxima regularidade 33 fasci-
culos d'esta obra e o 2.º BRIN-
DE, trabalho de alto valor artísti-
co que mereceu os maiores elo-
gios dos competentes.

Já está concluido o primeiro
volume. As capas para a encader-
nação são feitas expressamente
para esta edição. A capa em se-
parado custa 500 réis.

Para os assignantes que pre-
ferirem receber a obra aos fasci-
culos, continúa aberta a assigna-
tura.

Editores LOPES & C.ª, succes-
sores de CLAVEL & C.ª—119, rua
de Almada, 123, Porto.

REGULAMENTO

CONTRIBUIÇÃO INDUSTRIAL

APPROVADO POR DECRETO DE 27
DE DEZEMBRO DE 1888

Com as respectivas tabellas

Emendado segundo os «Diarios
do Governo» n.ºs 3, 5 e 8

PREÇO 100 RÉIS

PELO correio franco de porte a quem
enviar a sua importancia em estam-
pilhas ou vales do correio á livraria
CRUZ COUTINHO, editora, rua dos Cal-
deireiros, 18 e 20—Porto.

REMEDIOS DE AYER

Pectoral de cereja de Ayer
—O remedio mais seguro que ha
para curar a Tosse, Bronchite,
Asthma e Tuberculos pulmona-
res.

**Extracto composto de sal-
saparrilha de Ayer**—Para pu-
rificar o sangue, limpar o corpo e
cura radical das escrophulas.

**O remedio de Ayer contra
as sezões**—Febres intermitentes
e biliosas.

Todos os remedios que ficam
indicados são altamente concen-
trados de maneira que sahem bai-
ratos porque um vidro dura muito
tempo.

Pilulas catharticas de Ayer
—O melhor purgativo, suave, in-
jeiramente vegetal.



VIGOR DO CABELO DE AYER —
Impede que o cabel-
lo se torne
branco e restaura
ao cabelo grisalho a sua vitali-
dade e formosura.

Acido Phosphato de Horsford's



E' um agradável e sandavel **REFRESCO**. Misturado apenas com
agua e assucar faz uma bebida deliciosa, e é um especifico contra ner-
voso e dores de cabeça; sendo tomado depois de jantar auxilia muito
a digestão. E' baratissimo porque basta meia colherinha do acido para
meio copo de agua. Preço de cada frasco, 600 réis.

Os representantes JAMES CASSELS & C.ª, rua de Mousinho da Silveira,
127, 1.ª, Porto, dão as formulas de todos estes remedios aos srs. Facultativos que
as requisitarem.

Perfeito Desinfectante e Purificante de JEYES

para desinfectar casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura de nodosos
de roupa, limpar metais, e curar feridas.

Vende-se nas principaes pharmacias e drogarias. Preço, 240 réis.



AGENCIA ECONOMICA MARITIMA E COMMERCIAL

PASSAGENS DE TODAS AS CLASSES
EM TODAS AS COMPANHIAS

PARA

PARA', MARANHÃO,
CEARA' E MANAUS

PERNAMBUCO, BAHIA, RIO DE
JANEIRO, SANTOS E RIO
GRANDE DO SUL

Preços sem competencia

Passagens de 3.ª classe
a 265000 réis

Para a provincia de S. Paulo dão-se
passagens gratis.

Para informações e contrato de pas-
sagens, trata-se unicamente em Aveiro,
rua dos Mercadores, 19 a 23, com o cor-
respondente

Manuel José Soares dos Reis.

ATTENÇÃO. — O annunciante encar-
rega-se da liquidação de heranças e
quaesquer outros negocios em todo o
imperio do Brazil, mediante modica
comissão.



Na rua dos Mercadores, n.º 19 a 23,
em Aveiro, fazem-se guarda-soes de to-
das as qualidades, concertam-se e co-
brem-se com sedas nacionaes e outras
fazendas.

Trabalhos perfeitos e preços baratis-
simos.

O Recreio

Revista semanal litteraria e chara-
distica. — 16 paginas, a duas
columnas, 20 réis

Correspondencia a João Romano Tor-
res, rua Nova de S. Mamede 26, —
LISBOA.

SEXO FORTE

AS MULHERES DOS AMIGOS

2 vol. illustrados 600 réis

CAPITULOS — Um canalha; Um flas-
co; Por causa d'uma piúga; Sonho e rea-
lidade; Ir buscar lá; A cerejeira ingleza;
Margot; Monomania de insulto; O filho;
A sogra em acção; Efeitos das dimen-
sões; Uma discipula de Niniche.

Vende-se na rua da Atalaya, n.º 18
— LISBOA.

O GENIO

Christianismo

POR

CHATEAUBRIAND

Tradução de Camillo Castello Branco
Revista por Augusto Soromenho

Quarta edição correcta, com 10 gravu-
ras a cor, e os retratos do auctor e
do traductor, reproduzidos pelo pho-
tographo sr. João Guilherme Peixoto.

2 gr. vol. in-8.º br.. 12200

Pelo correio franco de porte a quem
enviar a sua importancia em estam-
pilhas á livraria CRUZ COUTINHO, edito-
ra, rua dos Caldeireiros, 18 e 20 —
Porto.

BELEM & C.ª

Empresa editora—Serões Roman-
ticos —Cruz de Pau, Lisboa

MYSTERIOS DAS GALÉS

Ultimo e o melhor romance.
de Jules Boulabert

VERSÃO DE JULIO DE MAGALHÃES.
Edição ornada com magnificas
GRAVERAS e excellentes CHROMOS
a finissimas cores.

Brinde a todos os assignantes no
fim da obra — UM ALBUM DE
COIMBRA.

BRINDE EM OURO—1005000 réis em
tres premios da loteria de Madrid que
a empresa fixar, para o que cada assi-
gnante receberá opportunamente uma
cautella com cinco numeros.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Chromo, 10 réis; gravura, 40 réis; fo-
lhas de 8 paginas, 10 réis.
Sahirá em cadernetas semanaes de
4 folhas e uma estampa, ao preço de 50
réis, pagos no acto da entrega. O porte
para as provincias é á custa da em-
preza.

Cada volume brochado, 450 réis.